

AFORISMO DA AUTONOMIA: A TRAJETÓRIA DE JOHN BOYD ORR NA AMÉRICA E AS CAMPANHAS PARA A CRIAÇÃO DO FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO).

Augusto Lira*

Resumo: O presente estudo busca reconstruir a trajetória do nutricionista escocês John Boyd Orr, a partir do ano de 1942, período em que ele esteve na América por ocasião dos debates acerca da criação do *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO). Busca-se demonstrar como a história deste intelectual se entrelaça com a do “destino” de uma época, visando compreender e tornar visível os arranjos de uma nova cultura alimentar em foros diplomáticos internacionais, sobretudo, situando a questão da fome, da saúde pública e da agricultura no epicentro de uma reorganização econômica pós-Segunda Guerra.

Palavras-chave: John Boyd Orr, Fome, Agricultura, FAO.

AFORISM OF AUTONOMY: JOHN BOYD ORR'S TRAJECTORY IN AMERICA AND THE CAMPAIGNS FOR THE CREATION OF FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO).

Abstract: This study seeks to reconstruct the trajectory of the Scottish nutritionist John Boyd Orr from 1942, when he was in America on the debates about the creation of the *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO). It is tried to demonstrate how the history of this intellectual intertwines with that of the destiny of an era, aiming at understanding and making visible the arrangements of a new food culture in international

* Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Contato: Augustolira@live.com.



diplomatic forums, above all, placing the hunger, public health and agriculture at the epicenter of post Second War economic reorganization.

Keywords: John Boyd Orr, Hunger, Agriculture, FAO.

Notas de viagem: sobre cenários, projetos e expectativas.

(...) esse problema das relações entre o indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social (...) é, talvez, o problema essencial da história.

Lucien Febvre¹.

No ano de 1942, em meio a Segunda Grande Guerra, soldados da *Royal Nave* preparavam-se em Liverpool, Inglaterra, para uma viagem à cidade americana de Norfolk, na baía de Hampton Roads. O Sr. John Boyd Orr, um eminente médico nutricionista escocês, apresentou-se à tripulação. Esta seria sua primeira viagem à América².

O convite partiu do amigo Frank G. Boudreau, um colaborador estadunidense que havia desenvolvido importantes estudos sobre a crise alimentar ocasionada durante os anos da “Grande Depressão”. Ambos, aliás, dirigiram atividades técnicas da Divisão de Saúde da Liga das Nações durante os anos de 1930. Um desses trabalhos, talvez o de maior relevância, leva a assinatura de Boudreau. Trata-se de uma pesquisa de fôlego realizada em diversos países europeus, cuja finalidade era a de relatar a situação alimentar das regiões mais afetadas pelo *crash* da bolsa de valores de Nova Iorque, aquelas consideradas de economia e estrutura agrícola deficiente desde a Primeira Guerra Mundial³. Acreditava-se que relatórios desta natureza poderiam contribuir para a elaboração conjunta de um programa mundial de alimentação, a ser impulsionado pelos representantes dos países membros da Liga das Nações

¹ FEBVRE, LUCIEN. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012. p.11.

² ORR, John Boyd. *Lord Boyd Orr: as is recall*. London: MACGIBBON & KEE LTD, 1966. p. 157.

³ A investigação realizada por Boudreau foi publicada sob o título de *Report on Nutrition and Public Health*, no ano de 1935. Este documento representa um dos primeiros movimentos na direção de uma campanha internacional de alimentação, sobretudo, por demonstrar através de estudos técnicos a aguda escassez de alimentos nos países investigados e os principais gêneros que deveriam ser produzidos em maior escala para sanar o problema.

através de sua Divisão de Saúde. Quando a Guerra foi anunciada, os esforços realizados nesta direção foram interrompidos e a intensificação das campanhas nazifascistas na Europa tornava ainda mais urgente à reativação do debate.

Sobre a liderança de Boudreau um movimento intelectual foi deflagrado nos Estados Unidos para pressionar as autoridades norte-americanas a tomarem partido em direção a um programa mundial de produção e consumo de gêneros alimentícios⁴. Este engajamento depõe acerca do novo papel de liderança que alguns homens públicos atribuíam “ao país da liberdade”, seja na política internacional, seja na economia.

Esta tese pode ser mais bem compreendida quando observado os impasses presentes em fóruns diplomáticos, a exemplo da *London World Monetary and Economic Conference*, realizada em 1933, no auditório do Museu Geológico de *Kensington*, em Londres, cuja proposição teve o apoio e incentivo do ex-presidente norte-americano, Herbert Hoover. Reunindo sessenta e seis representantes de países distintos, o encontro possuía o claro objetivo de firmar um acordo econômico multilateral que pudesse amenizar os efeitos da crise econômica deflagrada após o colapso de *Wall Street*. Ao menos este era o discurso oficial divulgado na imprensa internacional, pois, na ocasião do conclave, ficou evidente a indisposição política das autoridades ali reunidas em resolverem os impasses acerca do crédito, tarifas cambiais e, sobretudo, da ampliação na escala produtiva de gêneros agrícolas, não apenas aqueles utilizados na base industrial (como o algodão, ou a borracha), mas principalmente sobre produtos alimentares.

As estratégias e pressões exercidas nos bastidores do evento, meses antes de sua realização, indiciam ações políticas que ultrapassaram a natureza do conclave. Além do Ministro das finanças da Itália, Sr. Iung, esteve em Washington a convite de Roosevelt e dos técnicos americanos que se preparavam para a Conferência, o diplomata Assis Brasil, nomeado chefe da delegação brasileira para o evento. As notícias que chegavam ao Rio de Janeiro sobre este acontecimento diplomático demonstravam que Assis Brasil havia realizado em Washington um grande empreendimento. O jornal *Diário Carioca* noticiou este encontro em matéria intitulada “Dentro da Mais Perfeita Comunidade de Objetivos”, criando uma atmosfera de otimismo e harmonia entre os dois países. Ainda segundo o jornal, o presidente

⁴ ORR, 1966. Op. Cit. p. 118.

norte-americano teria demonstrado o espírito de sinceridade e colaboração que sempre reinara na relação bilateral entre os dois países. O bilateralismo como prática diplomática promovida em Washington, que por si só já contraria a essência da conferência de Londres, recebe durante o conclave uma artilharia de críticas. De início, aquelas proferidas pelo Primeiro Ministro inglês, James Ramsay MacDonald, que na mesa de abertura do evento refletiu acerca do desarranjo econômico em que se encontravam os países europeus, animada, segundo o conferencista, pela postura isolacionista dos norte-americanos. A palavra do ministro das finanças francês, George Burnett, reforçou o descontentamento: “A América tem definitivamente escolhido o caminho do isolamento econômico”, declarou Burnett. O impasse residia na dívida contraída pelos países europeus durante a Primeira Guerra e que se haviam agravado após a crise econômica, cujo maior credor era os Estados Unidos.

No mesmo ano, a Lei de Ajustamento Fiscal, promulgada pelo Congresso norte-americano, procurava reduzir o excedente agrícola liberando empréstimos para os proprietários que colaborassem neste sentido⁵. Não fosse o bastante, seguindo o exemplo estadunidense, uma série de restrições à produção neste setor foi levada a efeito por diferentes governos ao longo da década com a finalidade de elevar o preço dos produtos primários⁶. Neste período, a queima de excedentes do café em locomotivas brasileiras torna-se um claro exemplo das práticas econômicas mantidas sobre a produção agrícola, sobretudo, em países agroexportadores⁷.

⁵ *Agricultural Adjustment Act of 1933*. Disponível em: <http://nationalaglawcenter.org/wp-content/uploads/assets/farmbills/1933.pdf>.

⁶As ações de amparo à agricultura parecem ter dificultado ainda mais as relações comerciais. Em uma carta “humorística” escrita por um fazendeiro norte-americano ao senador pelo seu Estado, Arizona, de certo modo, reflete as contradições que estas medidas impunham ao produtor. “Meu amigo (...) recebeu do governo a importância de mais de 1.000 dólares porque deixou, este ano, de criar 50 porcos. Por este motivo, gostaria também de, no ano vindouro, entrar no negócio de não criar porcos. Gostaria de ouvir sua opinião a respeito do tipo de fazenda mais indicada para não criar porcos e a espécie de porcos que não servem para não serem criados. A parte mais difícil para mim é a de fazer o inventário referente à quantidade de porcos que não devem ser criados (...). Planejo começar em pequena escala, uns 4.000 porcos que me darão aproximadamente 80.000 dólares. É natural que esses porcos que deixei de criar não vão consumir 100.00 “bushels” de milho. Conforme me foi comunicado, os fazendeiros estão recebendo também pelo milho que deixaram de cultivar. Gostaria de saber se o senhor pode me pagar os 100.000 “bushels” de milho que não plantei por causa dos porcos que deixarei de criar. Penso em começar o mais breve possível, já que esta época do ano me parece especialmente propícia para deixar de criar porcos. P.S. – poderei criar 10 ou 12 porcos para meu uso pessoal?”. RITTER, Kurt. Das causas da fome mundial e dos meios de combatê-la. In.: ASCOFAM. *O Drama Universal da Fome*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. p.37.

⁷ GAZIER, Bernard. *A crise de 1929*. Porto Alegre: L&MP, 2003.

Como em uma labareda, a guerra alastra-se pelo solo europeu agravando a crise alimentar. Em um gueto de Varsóvia, a imposição alemã reduziu a ração média de calorias por habitantes a 186 por dia, quando especialistas recomendavam a ingestão de 8 mil calorias diárias⁸. Entre 1941 e 1942, durante a passagem do outono para o inverno, a Grécia foi atingida por uma grande fome com cerca de aproximadamente 100.000 mortes. O bloqueio naval imposto aos gregos, a baixa fixação dos preços sobre produtos agrícolas e a falta de mobilidade interna do país, entrincheirado pelo exército ítalo-alemão, agravaram ainda mais a situação de fome naquele país⁹. Diante da Guerra, fazia-se necessário somar esforços para promover o abastecimento adequado de gêneros alimentícios as populações envolvidas no conflito. Muitas vezes as estratégias exigiam que os atores interessados escapassem as malhas do aparelhamento político que atrofiava os debates nos fóruns diplomáticos internacionais¹⁰.

No início da década de 1940, Boudreau foi nomeado para dirigir a *Milbank Foundation*, organização que, no período entre guerras, figurou como um fórum permanente dos debates sobre a saúde pública nos Estados Unidos¹¹. Esta indicação foi a centeia que iluminou a ida de Boyd Orr a América, posto que a atuação institucional de Boudreau junto a *Milbank* possibilitou a emergência de discursos sobre saúde pública e alimentação em solo

⁸ A recomendação do quantitativo calórico a ser ingerido diariamente pode ser obtida em: MEDEIROS, Maurício. Fome na França. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, p.4D, 5 abr 1941.

⁹ KESTERNICH, Iris. et. al. *The effects of World War II on economic and health outcomes across Europe*. Texas: Rand, 2012. p.8.

¹⁰ Mesmo antes da crise econômica que se aprofundou na década de 1930, a Liga das Nações, através de seus organismos especializados realizaram diversos estudos sobre a importância da alimentação para a saúde. No ano de 1928, a pedido de Léon Bernard, representante do governo Frances na Liga, a ciência da nutrição foi incorporada como foco de interesse nos trabalhos da Organização da Saúde. Em 1932, um estudo indicando os caminhos para a recuperação da economia europeia, que incluía os relatórios técnicos do Comitê Econômico e Agrícola, foi publicado pela Liga, mas não chegou a adquirir nenhuma forma prática nos fóruns que se seguiram. Ver.: BARONA, Josep Lluís. *Nutrición y alimentación: de La génesis del conocimiento experimental a las prácticas sociales*. In.: MESTRE-BERNABEU, Josep; BARONA, Josep Lluís (Orgs.) *Nutrición, salud e sociedad: Españã y Europa em los siglos XIX y XX*. València: Universitat de València, 2011, p. 23; Ver também.: BONETT, Georg. *Stresa conference for the economic restoration of central and eastern europe*. Geneve: League of Nations.

¹¹ As contribuições da *Milbank Foundation* para os debates acerca da produção e consumo de alimentos constitui uma tarefa a parte que não contempla a especificidade deste artigo, mas é de suma importância considerar que sua prática institucional, sempre ligada à saúde preventiva, encontra em Frank Broudeau, nomeado em 1942 para a presidência da entidade, uma orientação nova e significativa acerca da “boa nutrição” como forma de prevenir doenças entre os setores da sociedade norte-americana mais afetadas pela crise econômica de 1929, sobretudo crianças, mulheres e idosos. Será em torno de experiências promovidas por esta instituição que Boudreau buscará demonstrar a possibilidade, eficiência e importância de um programa internacional de alimentos, uma vez que boa parte das ações que realizou junto a Liga das Nações tiveram um estrangulamento pós-pesquisa. Sobre a *Milbank Foundation* Ver.: FOX, Daniel M.. The Significance of the Milbank Memorial Found for Policy: An Assesmente at Its Centennial. *The Milbank Quartely*, New York, v. 84, n.1, 36 mar. 2006. p.5-36.

estadunidense, atribuindo-lhe maior peso científico e político. Daí a expectativa criada entorno das contribuições de Boyd Orr para o movimento que, sob a liderança de Boudreau, iniciava-se naquele país. Suas credenciais não deixam dúvida quanto a isso. O escocês chegaria à América com a autoridade de ex-diretor do *Rowett Research Institute*, importante centro de estudos sobre o potencial nutritivo de alimentos de base animal, e como um dos mais proeminentes teóricos experimentais em fisiologia e política alimentar¹². Bem recomendado entre seus pares, Orr vislumbrava a possibilidade de conseguir um encontro com então presidente Franklin Delano Roosevelt, momento em que pretendia apresentar as ideias que vinha desenvolvendo nos últimos anos sobre o problema da alimentação em tempos de guerra, programa realizado junto ao pesquisador David Lubbock e publicado no ano de 1940, em obra intitulada *Feeding the people in war-time*¹³.

Destaca-se aqui um inconveniente. A ida de Orr à América era um empreendimento meramente pessoal, idealizado longe dos salões do Palácio de *Buckingham*. Por esta conjuntura, existia a possibilidade de o escocês, uma vez em terras americanas, não conseguir a tão desejada audiência com o presidente, já que sua visita não foi indicada pelo governo inglês, como é o caso dos assuntos diplomáticos em visitas oficiais. Mas a guerra, ela própria, impulsiona um tipo particular de viagem e a experiência havia demonstrado a necessidade de retomar os debates que proporião, talvez, uma campanha mundial de alimentos, tal qual pretendida nos tempos em que Orr e Boudreau atuaram junto a Liga das Nações¹⁴. Rememorando este cenário, o escocês registra em autobiografia a emergência de sua viagem à

¹²Inúmeros estudos desenvolvidos por Orr foram publicados pela Glasgow University, local onde trabalhou durante muitos anos como pesquisador e diretor de alguns departamentos. É possível que parte desse material tenha tido penetração nos fóruns da Liga das Nações. Ver.: John Boyd Orr: Baron Boyd Orr of Brechin Mearns (1880-1971). *The Royal Society*, Londres: Invicta Press, v. 18, nov 1972.

¹³O livro baseava-se num estudo realizado na Grã-Bretanha acerca da relação entre alimentação, saúde e comércio. Segundo Orr o levantamento feito indicava que as políticas de produção e distribuição de alimentos implementadas pelos dirigentes não eram suficientes para abastecer a população, sobretudo as classes sociais mais empobrecidas e os soldados do *front*. Em “tempos de guerra”, indicava Orr, deveria existir uma política especial de alimentos, para atender as necessidades nutritivas mais imediatas das nações envolvidas nos conflitos. Ver.: ORR, Lord Boyd; David Lubbock. *Feeding the people in war-time*. Londres: Macmillan, 1940, p.83-87.

¹⁴Os tempos históricos podem ser encarados como um campo de possibilidade para as práticas sociais. Nesses termos, fazemos nosso o entendimento de Reinhart Koselleck quando afirma que é num passado entendido, assimilado e reflexivo que a noção de experiência em história deve ser compreendida. Partindo dela, ou nela retroagindo, cada indivíduo projeta suas expectativas sobre o futuro, e atuam sob a prerrogativa, conscientes ou não, de que as esperanças e decepções abrem brechas no presente e repercutem sobre suas ações. Ver.: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed Puc-Rio, 2006, p. 305-327.

América. Partindo de Liverpool, as embarcações teriam chegado a Norfolk numa noite de verão. Segundo Orr, era possível observar, no interior das casas, a luz das lamparinas por detrás das cortinas, denotando que o porto não conhecia a crueldade da Guerra que se travava do outro lado do Atlântico, senão, pelas notícias que lhes eram transmitidas pelos viajantes. Após mais de dois anos de apagão na Inglaterra, devido aos bombardeios, aquela parece ter sido, para ele, uma bela visão¹⁵. Centenas de faróis acesos na noite convidavam o viajante ao desembarque e, segundo seu relato, foi nesta atmosfera que pisou pela primeira vez em terras americanas¹⁶.

Itinerários e sociabilidades

Após sua chegada à cidade de Norfolk, John Boyd Orr seguiu para New York, onde se apresentou ao consulado britânico para comunicar sua estadia no país. Lá também encontraria o Sr. Boudreau, embora a expectativa maior do nutricionista escocês estivesse em outro lugar: Washington, o centro do poder federativo. Seria na capital dos EUA que ele tentaria um encontro com o Sr. Henry Wallace, então vice-presidente do país.

O Sr. Wallace também havia se preocupado com as consequências econômicas da política de restrição sobre produtos alimentares básicos, de maneira que ajudou a criar o *Food Stamp Plan*, um programa de assistência alimentar à população pobre norte-americana em 1939¹⁷. O trabalho foi elaborado no período em que este foi Secretário de Agricultura (1933-1940), o que o tornava, na visão de Boyd Orr, um simpaticante em potencial de sua visita e um possível colaborador. A tessitura desta trama demonstra que era através do Sr. Wallace que Boudreau e Orr pretendiam fazer chegar a Roosevelt as ideias centrais de um “Plano Mundial de Alimentos”.

O encontro se deu na Casa Branca. Boyd Orr teria apresentado suas ideias ao Sr. Wallace, pondo em questão a dimensão da fome como um problema global, assim como, a

¹⁵ “A mais bela vista que eu vi foi à luz que brilha através das cortinas das casas”. Relato de Boyd Orr sobre sua chegada a América. Ver.: ORR, 1966. Op. Cit. p. 157.

¹⁶ Idem.

¹⁷ WHITE, Ruth. *The Effect on Needy Families of Suspension of the Food Stamp Plan*. Washington, 1943, p.18. disponível em: <https://www.ssa.gov/policy/docs/ssb/v6n11/v6n11p18.pdf>.

ideia de que só o planejamento estratégico da economia em nível colaborativo, portanto, de caráter supranacional, contribuiria para diminuir as áreas de deficiência alimentar nos países envolvidos direta ou indiretamente com a guerra. O vice-presidente, por sua vez, teria feito o nutricionista escocês ler o projeto do *Food Stamp Plan*. Não se sabe ao certo os pormenores deste encontro, senão, das impressões difundidas por Orr em relatos autobiográficos escritos em um período posterior ao evento. Entre a lembrança e a narrativa, o nutricionista escocês deixa a tênue impressão de que a conversa tratada com Wallace não avançaria para algo mais concreto. Para Orr, convencer os líderes americanos a tomarem partido de um Plano Mundial de Alimentos não seria tarefa fácil, sobretudo quando o futuro da guerra era ainda incerto¹⁸.

É importante observar que, como intelectual público, ou seja, como personalidade que divulga suas ideias e agendas para um público que ultrapassa o círculo profissional restrito de seus colegas acadêmicos, homens como John Boyd Orr buscam, por vezes, arregimentar todos os meios de difusão de ideias disponíveis para promoverem climas de opinião, com a finalidade de produzirem formas de controle em seu campo de atuação, mais ou menos eficazes¹⁹. É interessante pensar como o escocês buscou ter acesso ao político e à política em um período em que os Estados Unidos da América passam a ter um papel fundamental nos fóruns diplomáticos internacionais, como já demonstrado anteriormente. Aos modos de fazer e praticar seu ofício, e por vezes ultrapassar as redes nele desenhada, chamaremos de *táticas*, formas engenhosas de produção de microliberdades necessárias, que a seu modo, tornam-se pertinentes em tempos específicos, no caso de Orr, o tempo da Guerra, por assim dizer. Para seu gênio intelectual, as táticas significariam jogar com os acontecimentos para transformá-los em ocasião²⁰.

Havia em Washington um espaço que era frequentado por intelectuais e “homens de negócios” americanos, cujos encontros causavam sempre calorosas discussões. Era o *Cosmos Club*, de onde Orr proferiu uma palestra sobre nutrição em tempos de guerra, e aproveitou a ocasião para divulgar os objetivos de sua visita a cidade. No âmbito dessas conversas, foi-lhe sugerido que entrasse em contato com a primeira dama, Mrs. Eleanor Roosevelt. Sabia-se que ela era uma entusiasta do *New Deal*, programa econômico lançado no governo de seu marido

¹⁸ ORR, 1966. Op. Cit. p. 157.

¹⁹ SOWELL, Thomas. *Os intelectuais e a sociedade*. São Paulo: Realizações Editora, 2009, p.30.

²⁰ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 48.

que, apesar da lei de ajuste agrícola de 1933, promoveu a distribuição de parte do estoque de gêneros agrícolas com a finalidade de conter a queda de seus preços em períodos de crise. Se não era possível ter uma audiência direta com o presidente a convite oficial da Casa Branca, dada às solicitações da Guerra, talvez em um jantar informal a ideia de um plano mundial de alimentos pudesse ser apresentada em suas principais teses.

É possível que Orr tenha criado expectativas. Ainda em um de seus relatos, o escocês afirma que, no curso das horas em que passava no *Cosmos Club*, teria cogitado realizar um pronunciamento na imprensa local, mas logo desistiu da ideia por considerar que a estratégia poderia mais “atrapalhar do que ajudar”²¹ e, com os dias que se iam, tomou-se a consciência de que o convite da Mrs. Roosevelt não viria. Pelo menos não para Boyd Orr.

A notícia de que Frank McDougall, conhecido economista australiano a serviço de seu país em Washington, tinha sido convidado pela primeira dama para um jantar com o Presidente, animou a Boyd Orr e Boudreau. McDougall tinha adquirido certa projeção no meio acadêmico e político ao divulgar um memorando que levava seu nome²². O estudo realizado abordando várias dimensões acerca do fenômeno da fome, ainda em 1935, ajudou a impulsionar o lema “*Marry health and agriculture*”, nos fóruns da Liga das Nações²³. O próprio economista esteve presente na *London World Monetary and Economic Conference*, em 1933, e era um colaborador e amigo de John Boyd Orr²⁴.

MacDougall acreditava que o problema da economia agrícola mundial passava, sobretudo, pelo preconceito político e moral que recaiam sobre as campanhas de alimentação. Preconceito político, pois, conservadores radicais viam nessas ações uma forma de inclinação para ideologias socialistas ou comunistas e isto no contexto da Guerra possuía um conjunto de significações imaginárias que dificultavam o avanço do debate sobre política alimentar. Ademais, a distribuição de alimentos para grupos necessitados era muitas vezes encarada como uma prática antissocial, não integradora, de cunho assistencial e não eficaz, ou

²¹ MCDUGALL, Frank. *The McDougall Memoranda*. Rome: FAO, 1956.

²² Idem;

²³ Livre tradução do autor: “Casamento da Saúde com a Agricultura”. O termo prescreve a necessidade de integrar a economia agrícola as necessidades nutritivas de cada região. Ver.: SHAW, D. John. *World Food Security*. New York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 304.

²⁴ Idem, p. 8.

pejorativamente: como esmola²⁵. Dessa forma, uma nova significação cultural da fome deveria ser promovida através de uma educação eficaz sobre os valores nutritivos dos alimentos, e do aumento da produção e distribuição de certos gêneros alimentícios conforme a necessidade de cada região²⁶. Para McDougall, a demanda por uma maior igualdade social, questão que se apresentava para o governo norte-americano, do qual o *New Deal* teria sido uma clara resposta, deveria contemplar estas questões, levando ainda em consideração que a distribuição mais igualitária da riqueza proporcionaria uma redução significativa nos gastos federativos em relação à saúde pública²⁷. Daí identificasse uma convergência discursiva entre McDougall e Boyd Orr. O caminho eficaz para um Plano Mundial de Alimentos deveria articular a agricultura e o comércio, orientando-os segundo os estudos regionais de nutrição, campo, aliás, que ganha forma e se consolida no período do entre guerras.

É provável que McDougall tenha apresentado o conjunto dessas ideias ao Presidente Roosevelt durante o jantar. Mas é certo que pelo menos duas questões foram claramente depositadas à mesa durante o banquete: a força *política e moral* que a fome era capaz de arregimentar para si naqueles anos de crise.

Já se confabulava em 1942 a possibilidade de criação de uma entidade internacional que pudesse substituir a Liga das Nações como organismo de cúpula assim que os últimos clarins anunciassem o término da Guerra²⁸. A criação da Organização das Nações Unidas (ONU) sob a liderança norte-americana já era uma estratégia que vinha sendo montada em Washington. Durante o jantar, o plano da nova entidade foi apresentado a McDougall. Este teria sugerido ao presidente que a melhor maneira de dar vida à nova organização era convencer os líderes internacionais a firmarem um acordo para uma política alimentar eficaz com base nas necessidades imediatas das populações afetadas pela guerra²⁹. Portanto, a fome, como fórmula conceitual, deveria servir de centro integrador das relações internacionais quando se prenunciasse o fim dos conflitos. Funcionaria como uma categoria pertencente ao político, confrontando a ordem da guerra, negando a violência, o ódio e o desejo. Funcionaria como instrumento retórico capaz de unir pessoas de diferentes matrizes ideológicas. Esta

²⁵ MCDUGALL, 1956, p. 15.

²⁶ *Idem.*

²⁷ *Ibidem.*

²⁸ ORR, 1966. Op. Cit. p. 158.

²⁹ *Idem.*

dimensão do político não é estranha se aquilatarmos o quanto a palavra fome (palavra poderosa) representa na vivência das comunidades humanas, sendo que a guerra foi humo fecundo para o amadurecimento de tais ideias.

Em 1941, uma crise alimentar havia se estabelecido na França. A ração diária na área ocupada pelos inimigos passou a ser de 900 calorias por pessoa, quando o recomendado por especialistas era de 8.000 calorias diárias para aquela região. O fato deveu-se não apenas à deficiente colheita ocorrida durante o verão daquele ano, mas, sobretudo, pelo bloqueio de fome imposto pela Inglaterra ao país³⁰. Sob a alegação de que os navios que ali aportavam com suprimentos alimentícios, enviados com a finalidade de socorrer a crise de abastecimento francesa, estavam sendo desviados pelos inimigos, a Inglaterra se pôs a capturar toda e qualquer mercadoria enviada à França pelo Atlântico ou Norte da África³¹.

Demonstra-se, portanto, que a fome era muitas vezes uma estratégia de guerra e não apenas um substrato dela. Paradoxalmente, este mesmo instrumento belicoso, logo que terminasse os conflitos passaria a servir, como indicado por McDougall, de aparelho político para a reconstrução do mundo moderno.

O que se observou foi que a iniciativa de Boyd Orr e Boudreau possui uma convergência discursiva de ampla propriedade com as ideias de McDoougall, de modo que, ao recompor os itinerários destes homens de ciências em solo americano, percebe-se um adensamento e direcionamento das opiniões por eles apresentadas na composição e indicação de um plano mundial de alimentos. Desta forma, as sociabilidades por eles estabelecidas formam uma prática coletiva, sem que a dimensão individual, aquela que apresenta micro liberdades, saísse de cena.

Após o encontro na Casa Branca, a notícia divulgada foi de que o presidente Roosevelt convocaria uma conferência das Nações Unidas³² para discutir política alimentar, a ser realizada em território americano logo que houvesse condições propícias para sua promoção³³.

³⁰ MEDEIROS, Maurício. Fome na França. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, p.4D, 5 abr 1941.

³¹ Reportou-se na imprensa brasileira que um carregamento 100 mil toneladas de cereais adquiridos pela França no Canadá foram apreendidos por autoridades inglesas. Dois deputados canadenses de origem francesa que teriam protestados foram presos no local. Ver: O bloqueio da Fome: Inglaterra detém carregamento de cereais para a França. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p. 5D, 9 de ago 1940.

³² Não Confundir com Organização das Nações Unidas (ONU), criada apenas em 1945.

³³ SHAW, Op. Cit. 2007, p.8.

Os efeitos de um longo movimento, cuja gênese nasce dentro da Divisão de Saúde das Ligas das Nações, ganha força durante o período em que Boyd Orr visitou a América, denotando que ele exerceu certo protagonismo neste trâmite. A campanha por um Plano Mundial de Alimentos agora confiada à Roosevelt, que se comprometeu publicamente a convocar as lideranças internacionais para tratar do assunto, cria expectativas. Ao retornar a Norfolk, o escocês concebia que em breve fosse confirmado o conclave e que a notícia chegaria à sua residência em Londres, assinada pelos amigos Boudreau e McDougall. Mas essas eram apenas expectativas. Dada as incontingências da guerra, o retorno ao lar era, para Orr, um retorno às incertezas.

A Conferência de *Hot Springs*

A manutenção da Guerra produziu dúvidas sobre a promessa de Roosevelt em promover a campanha por um plano mundial de alimentos sob a égide de um novo organismo internacional que fosse capaz de tratar o problema da fome com a importância entendida por Orr, Boudreau e McDougall. A palavra do presidente em declaração convocatória prometida para o natal de 1942, que deveria ser anunciada como um apelo humanitário aos povos, não veio³⁴. As incertezas da Guerra tornavam complexas as tramas da política e as tomadas de posições eram estrategicamente matizadas.

Mas uma nova onda de convicções emergiu no início de 1943. As notícias que chegavam do *front* anunciavam a “heroica” tomada das linhas de frente do exército alemão na Tunísia pelas forças aliadas³⁵. Este evento deu novo fôlego às pretensões dos norte-americanos em lograrem-se vitoriosos ao término da Guerra e um plano de ação deveria ser articulado.

Valendo-se dos termos publicados na Carta do Atlântico (1941), entre os quais se incluíam, além da mútua cooperação econômica entre os aliados, uma política efetiva que cerceasse o medo e promovesse a liberdade entre os povos, Roosevelt convocou uma

³⁴ ORR, 1966. Op. Cit. p. 157.

³⁵ “Uniram-se na Tunísia os exercícios dos generais Montgomery e Patton”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1D, 8 abr 1943.

conferência das Nações Unidas a ser realizada em *Hot Springs*, Virgínia³⁶. O tema anunciado para o encontro não foi outro, senão, os problemas da agricultura e da alimentação³⁷. A *United Nations Conference on Food and Agriculture* foi anunciada na imprensa. A data de sua realização ainda era imprecisa, mas as mobilizações lideradas por Boudreau em Washington, um ano antes, em prol de um plano mundial de alimentos foram retomadas.

Nesse movimento, o então embaixador britânico em Washington, Mr. Lord Halifax, foi solicitado pelo grupo de Boudreau para que o Sr. Boyd Orr integrasse a delegação inglesa no evento³⁸. Curiosamente, o pedido foi indeferido sob a alegação de que Orr mantinha uma ideologia sobre política alimentar incompatível com as orientações que seriam defendidas pela delegação britânica³⁹. O caso gerou constrangimento e uma desconfiança acerca das propostas que seriam defendidas pelos ingleses na conferência. Se mantivessem uma postura ortodoxa em relação à política comercial externa que vinham aplicando desde a Primeira Guerra, os ingleses buscariam assegurar seu predomínio industrial sobre a baixa dos preços de gêneros alimentícios que importavam de suas colônias⁴⁰. O embaixador Halifax, que foi Vice-Rei e Governador-Geral da Índia-Britânica, integrou esta delegação no evento⁴¹.

³⁶ “A Conferência Alimentícia das Nações Unidas: marcado o dia 18 de maio para o início das seções, às quais não poderão assistir os jornalistas”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 4D, 11 abr 1943.

³⁷ A Conferência de *Hot Spring* marca uma nova maneira de pensar os programas de transição da Guerra para tempos de Paz. Acompanhando os informes lançados na Liga das Nações nos anos que se seguiram ao termino da Primeira Grande Guerra, nota-se uma maior preocupação com campanhas de desarmamento e desmobilizações de possíveis ofensivas entre os países membros. Em *Hot Springs*, como se verá a diante, a ênfase recai sobre a necessidade de reanimar a economia mundial através de políticas comerciais mais progressistas, levando em consideração as necessidades de uma ampliação da produção agrícola de gêneros alimentícios, postura alimentada pela negativa experiência econômica de 1929. Sobre os Informes publicados pela Liga das Nações consultar: <http://digital.library.northwestern.edu/league/search.html>.

³⁸ ORR, 1966. Op. Cit. p. 160.

³⁹ Idem;

⁴⁰ A situação da Índia é um exemplo desse processo de descontrole e exploração exercido pela política econômica Inglesa sobre suas colônias. As notícias que chegavam ao Brasil demonstravam que em 1943 a colônia passava por uma profunda inflação que alterou significativamente o poder de compra dos consumidores sobre produtos primários. Ainda segundo essas matérias, a fome se estabelecia de maneira tão radical na Índia que cerca de 8.000 mortes teriam ocorrido por inanição em 1943. As cidades mais afetadas foram Calcutá e Bengala. As declarações do Secretário de Alimentação da Índia, o Sr. Hutchings, dão o tom da insatisfação de algumas autoridades locais acerca do estado de desamparo e miséria ao qual o povo indiano estava entregue naquele ano. Segundo o Sr. Hutchings: “Nenhum cérebro genial resolverá o problema da alimentação. Todos nós reconhecemos os resultados que desejamos atingir, mas há um grande problema administrativo, na organização dos detalhes. Os preços devem ser mantidos sobre controle. O mais importante fator, agora, é psicológico – a restauração da confiança no produtor e no consumidor. O público compreende que o alimento não pode continuar a ser por muito tempo mais um esporte para as ambições políticas e aventuras financeiras. Os alimentos devem tornar-se o primeiro assunto de prioridade para todas as administrações”. Ve: “A fome na

Impossibilitado de ir à Conferência, o médico escocês contou com a ajuda de Frank MacDougall para manter-se informado sobre os debates realizados em Hot Springs⁴². Isso porque a Conferência, sediada no Homestad Hotel, teve seus debates internos vetados à imprensa. Os informes que chegavam aos jornais eram relatados pelos representantes de seus respectivos países, ou por algum especialista que emitia sua opinião publicamente⁴³. Contudo, no dia 18 de maio, às 21 horas, a primeira sessão da Conferência foi montada. Para presidir permanentemente as atividades do encontro o nome do Mr. Marvin Jones foi votado e eleito por unanimidade⁴⁴. Jones era um jurista texano conhecido no fórum como ex-presidente do Comitê de Agricultura norte-americano. No período de sua gestão havia colaborado com as bases da Lei de Ajustamento Agrícola, fato que o tornava uma personagem dúbia frente a seus posicionamentos políticos sobre a proposta de expansão da produção agrícola. Porém, concebia-se com naturalidade que um nome local fizesse as “honras da casa”, embora uma pequena polêmica tenha se estabelecido quando o presidente da delegação francesa, Sr. Herve Alphanth, questionou a promoção do inglês como idioma oficial da conferência⁴⁵. No final, o problema capital do encontro era mesmo a distribuição mundial e equitativa de alimentos, como noticiado em um jornal brasileiro⁴⁶.

A palavra de abertura proferida por Mr. Jones indicava os objetivos humanitários do encontro: “É natural que a primeira conferência mundial seja feita sobre alimentos”, explicou

índia”, Correio da Manhã, p.2D, 17 nov 1943. Também: “A fome na índia”, Correio da Manhã, p.1D, 29 out 1943.

⁴¹ Notadamente os interesses econômicos tiveram maior peso nesta decisão. No entanto, a amplitude política da intervenção imposta à nomeação de Orr para integrar a delegação inglesa deve ser levada em conta, a exemplo de Mr. Lord Halifax, lembrado pelo nutricionista escocês como uma espécie de adversário político. Halifax era um homem de confiança do Primeiro Ministro Inglês, Winston Churchill, como pode ser observado em carta enviada à Roosevelt referente à nomeação do mesmo como representante oficial do governo inglês em terras americanas. “*I have now decided to ask for your formal agreement to the appointment of Lord Halifax as our Ambassador to the United States. I need not tell you what a loss this is to me personally and to the War Cabinet. I feel however that the transaction of business and the relationship between our two countries, and also the contact with you, Mr. President, are of such supreme consequence to the outcome of the war that it is my duty to place at your side the most eminent of my colleagues, and one who knows the whole story as it unfolds at the summit*”. Ver.: Winston Churchill to Franklin D. Roosevelt, December, 1940. Disponível em: <https://www.nationalchurchillmuseum.org/winston-churchill-to-franklin-d-roosevelt.html>; Também: ORR, 1966. Op. Cit. p. 160-161.

⁴² ORR, 1966. Op. Cit. p. 160.

⁴³ *Diário Carioca*, Op. Cit. 11 abr de 1943.

⁴⁴ “Inaugurou-se ontem a Conferência Internacional de alimentação”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 4D, 19 mai 1943.

⁴⁵ *Idem*;

⁴⁶ *Ibidem*;

o jurista, “pois liberdade significa muito pouco para o povo se este tem o estômago vazio”⁴⁷. O termo “liberdade” é uma clara alusão ao item seis da já mencionada Carta do Atlântico e, na gramática política em curso, poderia muito bem ser assimilada como uma apologia aos preceitos democráticos norte-americanos. Era necessário, portanto, somar esforços para vencer a “tirania da fome”. O problema da alimentação equacionava-se às controvérsias da Guerra. Nessa equação, o trinômio democracia-liberdade-alimentos opõe-se diametralmente ao trinômio fascismo-totalitarismo-fome. Não foi sem motivos que Mr. Jones enfatizou em seu discurso que *Hot Springs* realizava o feito de ser a primeira reunião das Nações Unidas para examinar o problema da paz no mundo pós-guerra⁴⁸.

Após o pronunciamento de Mr. Jones, quatro comissões foram organizadas sob a direção dos delegados da Grã-Bretanha, União Soviética, China e Brasil⁴⁹. Os assuntos tratados nessas comissões versavam, entre outros, sobre os níveis de consumo de alimentos e dos requisitos nutritivos necessários para uma alimentação adequada; sobre a expansão da produção e adaptação de sua demanda às necessidades dos consumidores; facilitação e melhoria da distribuição de gêneros alimentícios; criação de uma reserva alimentar e o uso de arranjos internacionais de *commodities* como meio de estabilização e ordenamento do comércio internacional⁵⁰.

Nota-se ainda que durante o conclave foi amplo a adesão de conceitos oriundos do campo da nutrição e da fisiologia como requisitos para a gestação de políticas alimentares, tal qual a adoção de padrões dietéticos para a seleção dos gêneros a serem produzidos em maior

⁴⁷ Ibidem;

⁴⁸ 44 Nações participaram e assinaram a ata final do conclave. São eles: Austrália, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, China, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Checoslováquia, República Dominicana, Equador, Egito, El Salvador, Etiópia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Guatemala, Haiti, Honduras, Islândia, Índia, Iran, Iraque, Libéria, Luxemburgo, México, Países Baixos (Holanda), Nova Zelândia, Nicarágua, Noruega, Panamá, Paraguai, Peru, Filipinas, Polônia, África do Sul, União Soviética das Repúblicas Socialistas, Estados Unidos, Uruguai, Venezuela e Iugoslávia. Ver: PHILLIPS, Ralph W. *FAO: its origins, formation and evolution 1945-1981*. Rome: FAO, 1981. p 11.

⁴⁹ A Comissão brasileira para o evento foi composta por: João Carlos Muniz (presidente da comissão), Alfeu Domingues da Silva (adido agrícola da embaixada brasileira em Washington), Newton de Castro Beleza (Oficial de Gabinete do Ministério da Agricultura brasileiro), José Garibaldi Dantas (Superintendente da Comissão de Finanças e Produção) e Jorge Felipe Kafuri (chefe do setor de preços da Coordenação de Mobilização Econômica). Além desses acompanham as conversações Eurico Penteado e Paulo Fróis da Cruz. Ver: “O Brasil na Conferência de Alimentação e Produtos Agrícolas Essenciais”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 mai 1943.

⁵⁰ SHAW, 2007, Op. Cit. p. 3.

ou em menor escala, de acordo com a necessidade de cada região⁵¹. No entanto, um impasse foi colocado acerca da maneira como estas políticas deveriam ser aplicadas sob a orientação do novo organismo internacional a ser criado. A noção de que deveria existir uma independência entre produtores e consumidores, tomou dimensões maiores nos debates e o próprio *status* da soberania nacional de cada país frente às exigências que ali se encaminhavam, tornou-se ponto polêmico.

O embaixador brasileiro João Carlos Muniz, declarou na imprensa que, embora seu país já realizasse um programa de expansão e produção de alimentos, enfrentava algumas dificuldades em conciliar seus interesses comerciais às particularidades do “velho continente”⁵².

Para McDougall, havia duas linhas de interesses amplamente difundidas em *Hot Springs*. Por um lado, um grupo ortodoxo pretendia manter as condutas gerais promovidas pelos organismos da Liga das Nações, cujo compromisso era o de elaborar estudos de campo, apurando dados e realizando trabalhos de consultoria, cabendo a cada país a responsabilidade pela aplicação dos conhecimentos e encaminhamentos por ela instituída. Outro grupo buscava promover a criação de uma instituição mais intervencionista, que também pudesse deliberar sobre as políticas de segurança alimentar dos países membros⁵³. A este segundo grupo se filiam as ideias de Boyd Orr, Frank Boudreau e Frank McDougall, cujos trabalhos publicados na Liga das Nações já denunciavam a falta de controle sobre a produção e distribuição de alimentos após a Primeira Guerra Mundial como o principal motivo da grande crise que abalou os alicerces da economia agrícola internacional.

No curso das negociações este impasse inviabilizou um acordo acerca do modelo institucional a ser criado. A solução encontrada foi à nomeação de uma comissão interina provisória para manter em funcionamento os pontos consensuais abordados na Conferência, sobretudo, a ampliação da política de expansão da produção alimentar. A direção desse trabalho foi confiada a Mr. Lester Pearson, então embaixador canadense em Washington⁵⁴. O

⁵¹ Idem.

⁵² “O Brasil na Conferência de Alimentação”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 25 mai 1943.

⁵³ Orr, 1966, Op. Cit. p. 160.

⁵⁴ Ao final dos trabalhos a Conferência aprovou recomendações sobre a melhoria das dietas nacionais com ênfase em grupos vulneráveis (crianças, mulheres e idosos); combate as doenças de deficiência (como o escorbuto, raquitismo e etc.); a criação de organizações nacionais de nutrição; um maior intercâmbio de

maior desafio entregue a Pearson pelos delegados de Hot Springs foi à organização e convocação de uma nova assembleia das Nações Unidas para a instituição definitiva do novo organismo internacional voltado para a alimentação e a agricultura. Desafio, sobretudo, de convergir, em um mesmo programa, diferentes exigências lançadas à mesa de reuniões durante a Conferência.

É de se notar que existia certa incompreensão por parte de alguns delegados sobre os objetivos para o qual o conclave de Hot Springs foi convocado. A assembleia foi transformada em fóruns de debates meramente comerciais, a exemplo do representante brasileiro, João Muniz, que insistiu, durante sua fala, em propor a expansão do mercado de borracha para garantir a exportação do produto brasileiro⁵⁵.

Tudo somado, o evento abriu uma perspectiva pouco realista para a história do homem moderno. Na opinião de um colunista brasileiro, a adoção da política de expansão da produção de gêneros alimentícios no lugar de uma campanha restritiva, representava ideologicamente a fórmula de um longo movimento de esforços, indecisões e erros. “O mundo do amanhã”, explicou o colunista, “não compreenderá a expressão “excesso de produção”⁵⁶.

A Conferência de *Quebec City*

informações e experiências no campo da nutrição, fisiologia, e do desenvolvimento técnico da agricultura; estabelecimento de padrões de dieta indispensáveis para as políticas públicas governamentais; uma maior cooperação entre as agências existentes; mudanças na política de produção de gêneros agrícolas ajustando-os a um período de curto prazo; incentivo do crédito agrícola; incentivo a movimentos cooperativos não-governamentais; estudos para a conservação dos recursos de terra e água; o desenvolvimento e assentamento de terras para produção de alimentos; ajustes ocupacionais em populações rurais; uma política de segurança alimentar internacional; consecução de uma economia de abundância em oposição às políticas de restrição; acordos de *commodities* regulatórios da economia agrícola internacional; medidas nacionais especiais para a mais ampla distribuição de alimentos; promoção de serviços nacionais em *marketing* e educação preventiva para a saúde. Ver.: PHILLIPS, 1981, Op. Cit. p. 9; Sobre a nomeação de Mr. Lester Pearson Ver.: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Op. Cit. 19 mai 1943.

⁵⁵Segundo reportagem do jornal carioca, *Correio da Manhã*, João Muniz afirmou na ocasião que “o Brasil e outros países latino-americanos, em cooperação com os Estados Unidos, tomaram para si o desenvolvimento e a expansão da borracha natural, para que o Hemisfério Ocidental possa ficar livre das anteriores dependências em relação aos produtores do Oriente”. Ver.: “O Brasil e sua indústria da borracha: declarações do Sr. João Carlos Muniz, em Hot Springs”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3D, 27 mai 1943.

⁵⁶“Conferência da Alimentação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, p.4D, 29 mai 1943.

Sob a orientação do Sr. Lester Pearson, a comissão interina para a Alimentação e Agricultura formulou uma Constituição provisória cuja finalidade era servir de parâmetros para criação da nova instituição⁵⁷. O documento deveria ser votado pelos países membros na próxima conferência das Nações Unidas convocada para a cidade de Quebec, no Canadá, no dia 16 de outubro de 1945, ou seja, poucos meses após o término oficial da Segunda Grande Guerra. A proposta constitucional dava ainda um encaminhamento sobre a forma organizacional que deveria gerir as ações da entidade, com sua distribuição hierárquica de cargos e funções.

Os discursos proferidos na imprensa pelos membros da comissão enfatizavam que a Conferência tinha por finalidade estruturar uma ordem de trabalhos para a alimentação e a agricultura em tempos de paz. A questão era saber até que ponto sua instituição aportaria os debates desenvolvidos pelas campanhas de alimentação promovidas por Boyd Orr, Frank Mcdougall e Frank Boudreu nos fóruns da Liga das Nações e posteriormente nos Estados Unidos. Outra dúvida era se sua estrutura funcional permitiria a formulação de um plano mundial de alimentos ou se no trâmite das negociações o projeto institucional seria canalizado para fazer da nova entidade um prolongamento do que fora antes a Divisão de Saúde da Liga das Nações.

O evento conduzia os atores nele envolvidos a esse campo de possibilidades e sua realização deveria ser acompanhada com especial atenção. As redes de relações político-governamentais que se formavam em seu interior poderiam, mais uma vez, servir de argumentos para a promoção de campanhas meramente comerciais, como ocorrera em Hot Springs. Fazia-se necessário, portanto, suscitar ao longo da Conferência o lema “*Marry health and agriculture*”, como uma espécie de palavra de ordem contra a hegemonia do comércio agrícola sobre a saúde.

Ao longo de quase dois anos desde que lhe fora negada sua participação na conferência de Hot Springs, Mr. Boyd Orr tornou a ser cogitado para integrar a delegação da Grã-Bretanha nomeada para Quebec. Dessa vez, não foi a pedido dos amigos norteamericanos que lhe chegou o convite. A solicitação veio de seu compatriota Philip Noel-Baker, então encarregado para chefiar a delegação de seu país no evento. Noel-Baker havia

⁵⁷ PHILLIPS, Op. Cit. p. 13.

colaborado com a fundação da Liga das Nações, de maneira que suas habilidades diplomáticas e experiência com programas internacionais pós-bélicos lhe atribuíram a autoridade necessária para tal tarefa⁵⁸.

Ao contrário do que ocorreu em Hot Springs, a Conferência de Quebec teve início na data programada. No salão interno do hotel *Château Frontenac*, os delegados encaminharam as primeiras negociações acerca da nova entidade para Agricultura e Alimentação que pretendiam fundar durante o evento. Mas as definições das pautas não denotaram nenhuma novidade. A Constituição redigida por Sr. Lester Pearson definia com clareza que a nova entidade deveria ter como principais linhas de ação:

(...) elevar os níveis de nutrição e padrões de vida dos povos sob sua jurisdição; garantir uma melhoria na eficiência da produção e distribuição de todos os produtos alimentares e agrícolas; melhorar a condição das populações rurais contribuindo assim para uma economia mundial em expansão⁵⁹.

Conceitos oriundos do campo da nutrição difundidos por especialistas durante o conclave de Hot Springs permaneceram como pontos básicos para a construção da política de expansão agrícola da nova entidade. A problemática residia no último item da carta programa que apresenta, como descrito acima, uma dependência da produção sobre as necessidades de uma “economia mundial em expansão”⁶⁰. De certa maneira, o programa ainda abria espaço para indefinições quanto aos prazos de cumprimentos das ações ali descritas. Seriam programadas em curto ou longo prazo? Sobre quem recairia a responsabilidade de sua aplicação efetiva nas áreas de baixa produção alimentar?

Acompanhando o documento é possível identificar ainda as orientações acerca do nível de autonomia que a nova entidade atribuía aos países membros. Propunham-se como funções da nova Organização:

⁵⁸ Os trabalhos de Philip Noel-Baker na Liga das Nações concentram-se basicamente nas campanhas de desarmamento, tema que acompanha as tarefas da Liga desde sua fundação e terá maior volume de informes a partir da década de 1920. Sobre esses trabalhos consultar: <http://digital.library.northwestern.edu/league/search.html>

⁵⁹ “Report of the Conference of FAO”, First Session City of Quebec, Canada, October 16 to November 1, 1945. Disponível em: <http://www.fao.org/3/ax5584e/x5584e00.htm#Contents>

⁶⁰ Idem;

(...) Deve ser função da Organização: (a) fornecer a assistência técnica aos governos que a solicitar; (b) organizar, em cooperação com os governos em causa, tais missões como pode ser necessário para ajudá-los a cumprir as obrigações decorrentes de seus compromissos com a Conferência das Nações Unidas sobre Alimentação e Agricultura; (c) tomar todas as medidas necessárias e apropriadas para implementar os objetivos da Organização, conforme estabelecido no preâmbulo⁶¹.

Observa-se que as ações atribuídas ao novo organismo, segundo o programa constitucional do Sr. Lester Pearson, tornavam inviável a promoção de uma expansão imediata dos gêneros agrícolas, uma vez que, segundo o projeto, a entidade estava impossibilitada de disciplinar a produção internacional de alimentos atendendo aos acordos multilaterais a serem firmados pelos representantes dos países membros. O texto atribuía unicamente a cada unidade federativa a responsabilidade por expandir ou retrain a produção agrícola conforme seus interesses próprios, que, no geral, pautavam-se nas leis regulamentadoras do mercado mundial segundo acordos bilaterais.

Foi em meio a este impasse que Boyd Orr proferiu uma comunicação realizando severas críticas a forma institucional proposta pela Carta de Pearson. A queixa mais contundente foi direcionada ao caráter técnico-consultivo atribuído à entidade. Para o escocês, nenhuma “pesquisa seria necessária para descobrir que metade das pessoas do mundo carecia de alimentos suficientes para a saúde, a própria guerra tinha revelado o estado de inanição dos povos”, como uma espécie de presença cotidiana nas regiões envolvidas, direta ou indiretamente com os conflitos⁶². Em seu entendimento, esse mapa da fome era um contrassenso, pois a moderna engenharia agrícola já demonstrava a possibilidade de ofertar a nível internacional alimentos de qualidade para atender as necessidades de cada indivíduo, e isto em curto prazo, caso fosse necessário. A prática institucional comum dos organismos internacionais que precederam a Guerra era a de encaminhar aos países que possuíam deficiência agrícola receitas técnicas para o incremento de novas formas de cultivo, impulsionando um apetite pela modernização da agricultura, mas, segundo Orr, “não lhes eram dados meios de obterem equipamento industrial para tal realização”⁶³. Notou o escocês a necessidade de se realizar, naquele momento histórico, uma inversão das prioridades, pois

⁶¹ Ibidem.

⁶² ORR, 1940, Op. Cit. p.162.

⁶³ Idem.

acreditava-se que “a melhor maneira de planejar a economia agrícola mundial residia em desenvolver a produção segundo a distribuição democrática de alguns dos principais produtos alimentares” e isso, naturalmente, impõe que a nova organização tenha autonomia para atuar na organização das relações comerciais que tangem as questões de agricultura internacional⁶⁴.

A exortação de Boyd Orr lhe proporcionou um envolvimento maior com os debates realizados em Quebec. O amigo McDougall lhe informou que um movimento interno entre os delegados pretendia encaminhar seu nome para o cargo de Diretor Geral do novo organismo⁶⁵. Entendia McDougall que se as votações fossem favoráveis e a nomeação de Orr fosse confirmada, estariam diante de uma oportunidade única de impulsionar um plano mundial de alimentação dentro do novo organismo, sendo necessário apenas que um dos membros majoritários tivesse a inclinação necessária para promoção dessas ideias. A campanha eleitoral do novo organismo foi iniciada sobre essa prerrogativa e o nome de Boyd Orr foi então sancionado pelos delegados presentes para assumir o cargo de Diretor Geral da entidade⁶⁶. A nomeação de Orr indicia que, embora as instituições possam ser compreendidas como um vetor das ideias que possibilitaram sua emergência, as práticas sobre elas deflagradas não são produtos estáveis, positivos, proporcionais ao conjunto das regras que elas constroem como unidade de ação. Cada sujeito e cada ator envolvidos na vida interna das instituições, desde sua concepção, agem dentro de um conjunto de possibilidades que está intimamente ligado às regras do campo institucional, mas também à questão da autonomia⁶⁷.

Contudo, ao final dos trabalhos em Quebec, confirmou-se a criação do *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO). Sua realização no imediato pós-guerra permitiu a institucionalização de discursos de fome, por vezes convergentes, mas, sobretudo, descontínuos, garantindo sua abertura para novas possibilidades de trabalhos, a exemplo da formulação de um plano mundial de alimentos como pretendido por Boyd Orr, Frank Broudreu e Fank McDougall. Ideia que acompanha a FAO desde sua gênese e ainda hoje apresenta-se como uma vontade contida.

⁶⁴ Uma lista desses produtos pode ser encontrada em: ORR, 1940, Op. Cit. p.162.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ *Report of the Conference of FAO*. Op. Cit.

⁶⁷ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007, p. 165.

Referências bibliográficas

BARONA, Josep Lluís. *Nutrición y alimentacion: de La génesis del conocimiento experimental a las prácticas sociales*. In: MESTRE-BERNABEU, Josep; BARONA, Josep Lluís (Orgs.) *Nutrición, salud e sociedad: Españã y Europa em los siglos XIX y XX*. València: Universitat de València, 2011.

BONETT, Georg. *Stresa conference for the economic restoration of central and eastern europe*. Geneve: League of Nations.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.

FEBVRE, LUCIEN. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FOX, Daniel M. The Significance of the Milbank Memorial Found for Policy: An Assesmente at Its Centennial. *The Milbank Quartely*, New York, v. 84, n.1, 36 mar. 2006.

GAZIER, Bernard. *A crise de 1929*. Porto Alegre:L&MP, 2003.

KESTERNICH, Iris. et. al. *The effects of World War II on economic and heath outcomes across europe*. Texas: Rand, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semantic dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed Puc-Rio, 2006.

MCDUGALL, Frank. *The McDougall Memoranda*. Rome: FAO, 1956.

ORR, John Boyd. *Lord Boyd Orr: as is recall*. London: MACGIBBON & KEE LTD, 1966.

_____. *John Boyd Orr: Baron Boyd Orr of Brechin Mearns (1880-1971). The Royal Society*, Londres: Invicta Press, v. 18, nov 1972.

LUBBOCK, David; ORR, Lord Boyd. *Feeding the people in war-time*. Londres: Macmilla, 1940.

PHILLIPS, Ralph W. *FAO: its origins, formation and evolution 1945-1981*. Rome: FAO, 1981.

RITTER, Kurt. *Das causas da fome mundial e dos meios de combatê-la*. In: ASCOFAM. *O Drama Universal da Fome*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.



SHAW, D. John. *World Food Security*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

SOWELL, Thomas. *Os intelectuais e a sociedade*. São Paulo: Realizações Editora, 2009.

WHITE, Ruth. *The Effect on Needy Families of Suspension of the Food Stamp Plan*. Washington, 1943.